



DIFUSÃO DO USO E CULTIVO DE PLANTAS MEDICINAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Daniel Rodrigues da Silva¹, Anderson Bezerra de Andrade², Francisco Araújo da Silva³, Polion Da Costa Sobrinho⁴, Luciano de Brito Júnior⁵, Maria das Graças Veloso Marinho de Almeida⁶, Abrahão Alves de Oliveira Filho⁷
mgvmarinho1@gmail.com e abrahao.farm@gmail.com

Resumo: O presente trabalho mostra a importância do uso e cultivo de plantas medicinais a partir das experiências vividas pelos alunos do programa de extensão universitária. O projeto buscou, contribuir para a promoção da saúde, incentivo e discussão sobre o uso racional de plantas medicinais, além de obter informações sobre a utilização de plantas para fins terapêuticos pela comunidade escolar da E.E.E.F.M. José Gomes Alves, Patos – PB, no ano de 2022. Através das metodologias e das ações aplicadas nas escolas, foram feitas a identificação das plantas cultivadas e utilizadas pelas comunidades escolar, assim como também houve trocas de experiências e informações sobre o uso racional de plantas medicinais para fins fitoterápicos.

Palavras-chaves: Saúde, Plantas medicinais, Uso racional.

1. Introdução

Toda sociedade humana acumula um acervo de informações que lhe possibilita interagir e prover suas necessidades de sobrevivência. Neste acervo, guardam-se heranças de conhecimentos e procedimentos relativos ao mundo vegetal com o qual as sociedades estão em contato. Vale lembrar que os primeiros estudiosos que aportaram no Novo Mundo, a partir do século XVII, deixaram fontes preciosas de dados da flora e fauna americanas [1].

No entanto, conforme a visão da época, as informações coletadas in loco apresentavam-se de forma fragmentada, distanciadas no contexto real de onde tinham sido extraídas. Mesmo com o desenvolvimento das ciências naturais e da Antropologia, o estudo do uso e conhecimento de plantas por grupos humanos de diferentes culturas continua compartilhado [2].

Em todas as épocas e em todas as culturas, o ser humano aprendeu a tirar vantagens dos recursos naturais locais. Ao longo dos anos, através de observações constantes, o homem pode ter percebido, por exemplo, que uma planta capaz de provocar sonolência, seria também capaz de acalmar, se usada em doses menores ou mesmo plantas cujos frutos tinham efeito laxante,

prisão de ventre. Assim, através de experimentos, mesmo

poderiam ser usadas moderadamente para regular a que indiretos, o homem pode ter descoberto vários princípios ativos das plantas, que foram utilizados em proveito próprio. Estes conhecimentos etnobotânicos e etnofarmacológicos adquiridos ao longo do tempo podem ter sido repassados oralmente ao longo das gerações [3].

Braga (1960) [4] define planta medicinal como toda e qualquer planta que atue de maneira benéfica no combate ou minimização de qualquer malefício no organismo humano. A utilização dessas plantas como medicamento provavelmente é tão antiga quanto o próprio homem. Acredita-se que desde a “época das cavernas”, o Homo sapiens já utilizava o vegetal como alternativa terapêutica.

Matos et al. (1984) [5], relata que a arte de curar evoluiu de acordo com várias etapas, porém é muito difícil delimitá-las com precisão devido ao fato de que a medicina esteve por muito tempo associada a práticas místicas, mágicas e ritualísticas. Por suas propriedades terapêuticas ou tóxicas, as plantas adquiriram fundamental importância na medicina popular.

Alguns registros sobre o uso de plantas medicinais datam de até 3000 a.C., relatando usos pelos antigos Chineses, Egípcios, Babilônios, Assírios, Hebreus e Gregos. O uso de plantas medicinais como alternativa terapêutica no Brasil é resultante da forte influência cultural dos indígenas, das tradições africanas e da cultura européia trazida pelos colonizadores [6]. Ainda é muito comum o uso de vegetais ou de suas partes (folha, caule, raiz, fruto, flor, etc.) por tribos indígenas para cura de enfermidades e nos rituais que fazem parte de sua cultura. Em algumas tribos, o pajé utiliza plantas que apresentam substâncias alucinógenas, pois acredita que elas proporcionam sonhos com espíritos que lhe revelam a erva ou o modo de cura para uma enfermidade.

Albuquerque (2001) [7], afirma que os alemães J. B. Von Spix e Carl F. P Von Martius, no século XIX, fizeram notas sobre o uso de plantas medicinais pelos indígenas. Já muito antes (no século XVII), no Nordeste do Brasil, os holandeses Guilherme Piso e Georg Markgraf coletaram plantas e registraram suas utilidades.

A chegada dos escravos africanos também contribuiu muito com o desenvolvimento dos conhecimentos sobre a flora medicinal do Brasil. Os

^{1,2,3,4} Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Patos, PB. Brasil.

⁶ Orientador/a, Professora Doutora, UFCG, Campus Patos, PB. Brasil.

⁷ Coordenador, Professor Doutor, UFCG, Campus Patos, PB. Brasil.

negros utilizavam e muitos continuam a utilizar essas plantas em rituais religiosos, mas elas também eram usadas por suas propriedades farmacológicas empiricamente descobertas. A

chegada dos Europeus no nosso País também influenciou na descoberta de alguns dos conhecimentos obtidos sobre a flora local. Esta contribuição provavelmente se originou nos

testes que eles realizaram para comparar os efeitos de algumas plantas nativas do nosso País com espécies semelhantes da Europa [8].

O Brasil possui uma das maiores diversidades vegetais do mundo e o conhecimento tradicional sobre o uso dessas plantas é vasto. É necessário ressaltar que em muitos casos, a fitoterapia é o único recurso disponível que a população rural de países em desenvolvimento tem ao seu alcance. Muitos povos preferem utilizar a fitoterapia a medicina clássica [9]. Assim, plantas usadas como remédio quase sempre têm posição predominante e significativa nos resultados das investigações etnobotânicas de uma região ou grupo étnico [10].

O estudo da utilização de plantas medicinais deve levar em consideração o contexto social e cultural no qual estes usos estão inseridos [11]. Este estudo não deve ficar restrito a um conglomerado de profissionais de diferentes áreas, mas sim, uma inter-relação com troca de informações. Pois, à medida que se desconsideram as informações de determinadas áreas pode-se afetar a credibilidade dos resultados obtidos em outras [12].

A utilização de plantas medicinais pelas populações traz como principal vantagem a pesquisa científica, que proporciona o conhecimento químico, farmacológico e a utilização terapêutica [13]. Entretanto, os componentes químicos responsáveis pela ação terapêutica desses vegetais podem variar de acordo com o local e as características de cultivo e processamento a qual são submetidas, tornando-as impróprias para o consumo. Para que todos os benefícios dessas plantas sejam aproveitados é necessário cuidado no preparo e na escolha de suas partes, para que seus princípios ativos e ação terapêutica permaneçam inalterados [14].

Dessa forma, este relato de experiência foi elaborado com o objetivo de descrever as experiências vivenciadas na execução do programa de extensão na escola E.E.E.F.M. José Gomes Alves, Patos – PB, que visou contribuir para a promoção da saúde, incentivo e discussão sobre o uso racional de plantas medicinais, além de obter informações sobre a utilização de plantas para fins terapêuticos pela comunidade escolar de Patos, nos temas ligados à promoção da saúde, incentivo e discussão sobre a produção e o uso racional de plantas medicinais, além de consolidar boas técnicas de difusão das informações sobre a utilização de plantas medicinais.

2. Metodologia

Trata-se de um relato de experiência, forma

metodológica que permite a descrição de experiências vivenciadas, de natureza qualitativa, uma vez que evidencia aspectos subjetivos do ser humano.

Esse relato foi realizado por meio do trabalho desempenhado pelos extensionistas durante o período de junho a dezembro de 2022 na E.E.E.F.M. José Gomes Alves, Patos – PB

Inicialmente, foram realizadas reuniões com professores e coordenadores da escola envolvida para marcarmos um calendário com intuito de definir as ações de ambas as partes.

Entre as atividades semanais em campo, foram realizadas oficinas tanto na Escola, quanto na Universidade, tendo como público alvo os moradores os alunos, objetivando-se compartilhar conhecimentos horizontalmente. Nessas visitas, as mais diversas temáticas são abordadas: fitoterapia, movimentos sociais, política, problemas familiares e de saúde, enfim, situações do cotidiano.

Além disso, a preparação dos canteiros de plantas medicinais (escola); preparação de mudas; produção artesanal de remédio a base de plantas medicinais que se configuram como a sala de aula apresentando diversas ferramentas de disponibilização de materiais e de interação.

3. Resultados e Discussões

A biodiversidade vegetal brasileira, é tida como uma fonte alternativa para tratamento de doenças e enfermidades, a busca constante por esse meio permite descrever seus fins terapêuticos, tendo em vista o vasto acervo de saberes sobre o manejo e utilização de plantas medicinais [15].

Para que haja um uso seguro de fitoterápicos, é indispensável a consulta de informações científicas confiáveis, já que a imensa maioria da população é induzida a acreditar em propagandas que prometem “benefícios seguros, por serem naturais” e na maioria das vezes as supostas propriedades farmacológicas divulgadas não possuem validade científica por não terem tido seu efeito farmacológico comprovado, oferecendo dessa forma, risco à saúde pública ao invés de benefício [16].

Nesse contexto, a proposta da extensão universitária entra como uma aliada para fortalecer as redes de informações seguras e confiáveis, por meio do compartilhamento de conhecimentos científicos entre a Universidade e a comunidade.

Nesse período os alunos extensionistas, se dedicaram a leitura e se aprofundaram na temática do projeto, por meio de revisões bibliográficas, e estudos relacionados, tendo em vista uma melhor qualidade e segurança na preparação do material informativo.



Figura 1. Alunos extensionistas na escola E.E.E.F.E José Gomes Alves, em apresentação do programa.

Por meio do conhecimento adquirido, foi possível a confecção de panfletos informativos, que serviram de elo, para disseminação de conhecimento científico para a comunidade, juntamente com banners e aulas expositivas dialogadas.

Além disso, os alunos puderam ter o primeiro contato com a comunidade escolar, onde foi possível a realização e aplicação do material preparado anteriormente. Por meio da apresentação do programa e o perfil de todos os extensionistas (bolsistas e voluntários). Com isso, houve uma recepção dentro do esperado, onde foi possível marcarmos os próximos encontros e garantir a tarefa de disseminar informações corretas sobre o assunto.

Guarim Neto e colaboradores (2012) [17], destaca a importância da valorização dos conhecimentos humanos nas diversas esferas disciplinares, seja ela social, cultural e científica, já que esses são os pilares para manter a riqueza biológica e preservá-la. Nesse sentido, o ambiente escolar se torna o espaço educativo ideal para valorização desses saberes.

Alinhado a isso, os extensionistas receberam diversas turmas, em dias distintos, (totalizando um número aproximado de 50 alunos) no laboratório de etnobotânica do CSTR/UFCG, onde puderam desenvolver atividades práticas, como: Preparação de chás; sabonete de aroeira; tintura de aroeira; bala de canela; pomada de própolis e outros produtos naturais, alinhado ao preparo e consumo de maneira racional de plantas medicinais.



Figura 2.

Prática de confecção de produtos naturais.

Os conhecimentos populares e tradicionais, devem

O projeto por ter seu caráter científico/social, atendeu outras comunidades que sentiam a necessidade de orientações, quanto: ao cultivo, à identificação, à coleta, à secagem e ao armazenamento das plantas medicinais, bem como aos cuidados na utilização das plantas e às formas de preparo dos remédios naturais. Nesse contexto, houve uma

sempre ser levados em consideração, pois a vivência da comunidade junto a natureza e as plantas medicinais, nos mostram que existe um cuidado pela preservação das espécies vegetais, por meio do cultivo, construindo assim vertentes efetivas estratégias de uso sustentável dos recursos naturais [18].

Como os alunos, já tinham em sua imensa maioria um conhecimento prévio sobre algumas espécies vegetais, utilizadas para fins terapêuticos, os alunos extensionistas desenvolveram em conjunto com a comunidade escolar, a construção do horto vertical.

Para a realização desse fato, primeiro foi levantado quais plantas medicinais eram mais utilizadas pela comunidade, e seus efeitos. Com as informações em mãos, fizemos o cultivo de espécies com nomes populares como: Erva-cidreira; Capim-santo; Babosa; Tetraciclina; Hortelã; Mastruz e entre outras.



Figura 3. Preparação de mudas para montagem do horto medicinal



Figura 4. Horto medicinal montado pelos alunos na escola E.E.E.F.E José Gomes Alves.

Cahapuz (2004) [19] evidencia que a troca de informações voltadas a realidade em que estão inseridos, é essencial para uma formação sólida e eficiente de estudantes, sejam da esfera média ou de graduação, essa é uma dinâmica que busca envolver as experiências como ponto de partida no processo de aprendizagem.

intensa troca de experiências, onde foi possível informar as comunidades sobre o uso correto das plantas medicinais, devido a algumas indicações equivocadas, o que muitas vezes acarreta no risco à saúde do usuário.



Figura 5. Apresentação para idosos vinculados ao CRAS do Município de Santa Luzia- PB

A vivência do projeto, permitiu identificar a necessidade de disseminação de informações corretas, que contribuíssem com a melhoria e qualidade de vida das pessoas quando se fala de uso de plantas medicinais para fins terapêuticos.

Erradicar o analfabetismo científico é um dos caminhos para desenvolver habilidades que permitam elencar dados, evidências e apoios para sustentar afirmações e conclusões tomando papel central nas pesquisas preocupadas com a promoção informações confiáveis [20].

Portanto, o projeto, formou essas pessoas através da correção dos erros advindos do senso comum, percebia-se que muitos não sabiam utilizar as partes das plantas de maneira correta, alinhado ao tipo de preparo dos chás. Nesse sentido, o programa contribuiu com o amplo compartilhamento de conhecimentos científicos, por meio das palestras e orientações.

4. Conclusões

Em suma, o projeto foi visto pela E.E.E.F.M. José Gomes Alves, Patos – PB, como um parceiro necessário, que viabilizou trabalhos que contribuem para a formação de um diálogo voltado para a inclusão social e melhoria da qualidade de vida das pessoas. Os temas abordados durante as ações surtiram efeito, já que muitos deixaram de lado seus métodos equivocados de utilização de plantas medicinais.

A integração entre Universidade e comunidade por meio da extensão, é um instrumento primordial para compartilhamento de conhecimentos, que por meio deste é visível que conhecimentos básicos sobre o uso correto de plantas medicinais, podem proporcionar uma melhoria no quadro da saúde brasileira.

Assim, trabalhos dessa natureza devem ser instigados, devido sua importância no meio social, sempre

buscando contribuir com uma formação de seu público alvo. Assim, é notório a formação de uma rede de conhecimentos gerados pelo projeto, já que a comunidade escolar é a porta de entrada para amplificação dos ensinamentos para toda a região em que está inserida.

5. Referências

- [1;2] AMAROZO, M. C. M. **Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio de Leverge, MT, Brasil.** Acta Botânica Brasílica, São Paulo, v.16, n.2, Apr. 1996.
- [6;14] ALMEIDA, MZ. Plantas medicinais: abordagem histórico-contemporânea. In: **Plantas Medicinais.** 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2000, pp. 34-66. ISBN 978-85- 232-1216-2.
- [7] ALBUQUERQUE U. P 2001. The use of medicinal plants by the cultural descendants of African people in Brazil. Acta Farm Bonaerense 20: 139-144.
- [4] BRAGA, R. **Plantas do nordeste, Especialmente do Ceará.** Coleção Mossoroense, 4ª ed. Natal, 1960. Universitária UFRN, 540p. DIAS, D. R. Professores da
- [19] CACHAPUZ, A.; PRAIA, J.; JORGE, M. Da Educação em Ciências às orientações para o Ensino de Ciências: um repensar epistemológico. **Ciência e Educação**, v. 10, n. 3, 2004.
- [12] DI STASI, L. C. **Plantas medicinais: arte e ciência.** Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: UNESP, 1996.
- [15] DORIGONI, P.A., GHEDINI, P.C., FRÓES, L.F., BAPTISTA, K.C., ETHUR, A.B.M., BALDISSEROTTO, B., BÜRGER, M.E., ALMEIDA, C.E., LOPES, A.M. & ZÁCHIA, R.A. Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS, Brasil. I – Relação entre enfermidades e espécies utilizadas. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais** v.4, n.1, p. 69–79. 2001.
- [18] FAVILLA, M.A.C.; HOPPE, J.M. **As plantas medicinais como instrumento de educação ambiental.** Monografias ambientais, v.3, n.3, p.468-475. 2011.
- [17] GUARIM NETO, G; GUARIM, V. L. M. S. CARNIELLO, M. A; FIGUEIREDO, Z. N. (2012). **Espaços pantaneiros - relato sobre o cotidiano em uma fazenda tradicional na região da fronteira Brasil-Bolívia: eles com a educação não escolarizada.** FLOVET, v.1, n. 4, p.1 a 10.
- [20] KUHN, D. Science **Argumentation: implications for teaching and learnings scientific thinking.** In: Science Education. v. 7, n.3, p.319-337, 1993.
- [3;8] LORENZI, H.; MATOS, F.J. A. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas.** 2ª ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2008. 11-18, 544 p.
- [5] MATOS, F. J.A.; CAVALCANTE, F. S.; QUEIROZ, M. F. B. **Plantas da medicina popular do Ceará, selecionadas pela maior de seu uso.** Acta Amazônica – Manaus – V. 18. 1984. 37 p.
- [13] MATOS, F. J. A . **As Plantas das Farmácias vivas; álbum de gravuras para identificação das principais**

plantas medicinais do projeto farmácias vivas. Fortaleza, BNB, 1997. 57p.

[11] MASSAROTTO, N. P. (2009). **Diversidade e uso de plantas medicinais por comunidades Quilombolas Kalunga e urbanas, no nordeste do Estado de Goiás – GO, Brasil.** Dissertação de Mestrado em Ciências Florestais, Publicação PPGEFL.DM- 113/2009, Departamento de Pós-Graduação em Ciências Florestais, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 130p.

[10] PASA, SOARES & GUARIM-NETO: **Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu** (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil) 2005. SILVA, M. S. **Plantas Medicinais: O sabor e a receptividade dos alunos da 1ª fase da Escola Municipal Benevenuto Mariano, Uiraúna – PB.** (MONOGRAFIA) Cajazeiras, 1994. 46 p.

[9] SANTOS, L.G.P.; BARROS, R.F.M.; ARAÚJO, J.L.L. **Diversidade de plantas medicinais e forrageiras do**

cerrado de Monsenhor Gil, Piauí. In: LOPES, W.G.R. et al. (Orgs.). Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar. Teresina: EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente). 2007.

[16] VEIGA JUNIOR, V. F.; PINTO, A. C.; MACIEL, M. A. M. **Plantas medicinais: cura segura?** Quím. Nova vol.28 no. 3 São Paulo May/June 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422005000300026&script=sci_arttext> acesso em: 08/02/2023.

Agradecimentos

À E.E.E.F.E José Gomes Alves pelo suporte e colaboração no desenvolvimento das atividades.

À UFCG pela concessão de bolsa(s) por meio da Chamada PROPEX 003/2022 PROBEX/UFCG

Aos professores pelas orientações no andamento de todo projeto.

